

## **VIVA A PENHA! CONFLITOS SOCIAIS E IDENTIDADES CULTURAIS NO RIO DE JANEIRO (1885 – 1906)**

**Aluna: Luana Mayer de Souza**  
**Orientador: Leonardo Affonso de Miranda Pereira**

### **Introdução**

O calendário festivo da cidade do Rio de Janeiro do final do século XIX tinha, como um de seus eventos principais, uma tradicional festa religiosa realizada na igreja da Penha. Organizada pela Irmandade da Nossa Senhora da Penha esta festa contemplava eventos dispare, que iam de uma missa solene à presença de banda de música, barracas de comida e bebida. Na virada do século XIX para o XX, através dos relatos dos grandes jornais, dos cronistas e folcloristas, podemos perceber uma crescente popularização da festa, por conta da quantidade de romeiros, devotos de N. S. da Penha, que todos os anos lotavam o arraial no qual a festa tinha lugar. Através deste evento procuro entender os valores e as experiências sociais dos grupos que a ele compareciam na virada do século XIX para o XX. Não que a Festa da Penha representasse, àquela altura, qualquer novidade. Ela ocorria no Rio de Janeiro desde o século XVIII, sendo inicialmente festejada por portugueses e seus descendentes. Tanto nas crônicas como nos relatos dos folcloristas do fim do século XIX, podemos perceber a presença dos portugueses que, após assistirem a missa solene e pagarem as promessas à santa, iam para o arraial descansar, entoar suas modinhas e dançar seus fados. A inauguração de uma ferrovia nos arredores do arraial da igreja, ao facilitar o acesso ao mesmo, ajudou porém a tornar a festa freqüentada por um número maior de pessoas, entre as quais podemos perceber um crescente número de trabalhadores pobres, negros, mestiços. Esses trabalhadores afro-descendentes trouxeram suas práticas culturais para uma festa de origem portuguesa e de tradição católica. Tais práticas culturais começam a tornar-se freqüentes na festa, principalmente nos primeiros anos do século XX, quando as rodas de samba, as batucadas, capoeiristas e as barracas montadas pelas chamadas tias, que eram as negras baianas, já compunham os festejos. Essa popularização da festa passa a ser motivo de antipatia entre os cronistas, por motivos claros: dado que a maioria desses novos freqüentadores eram negros ou mestiços, passava a ser comum a afirmação de que estes teriam tornado a festa bárbara, por causa de suas práticas culturais diferentes do que era considerado civilizado pela elite letrada da cidade.

### **Objetivos**

Esta apresentação tem por objetivo refletir sobre o sentido da transformação da Festa da Penha, que aos poucos deixa de ser apenas uma tradicional festa portuguesa para se tornar uma festa efetivamente popular, com predominância negra. Esse processo fez com que a festa tenha se tornado conhecida pelas práticas culturais africanas a ela incorporadas, como os batuques e as rodas de samba. Busco refletir também acerca dos conflitos sociais que essa transformação na festa ocasiona, visto que diferentes grupos sociais começam a freqüentá-la, principalmente aqueles considerados à margem da sociedade – como negros, mestiços e trabalhadores avulsos.

## Metodologia

Fugindo das perspectivas tradicionalmente associadas pelas ciências sociais à festa, que muitas vezes tenta buscar para ela sentidos unívocos, busca-se aqui pensá-la como um espaço de encontro e embate entre os diferentes grupos sociais. Em tal perspectiva, parecem inspiradoras as análises empreendidas por Edward P. Thompson sobre cultura como uma arena de conflitos sociais [1]. Dialogando com tal concepção, procuro estabelecer uma análise na qual as festas seriam um espaço de reapropriação de significados, gerados pelo encontro entre diferentes culturas;

No caso dos trabalhadores brasileiros do começo do século XX, no entanto, a busca das tradições e culturas que alimentavam sua experiência nos leva para longe do Rio de Janeiro – mais especificamente, para a África, de onde vieram os antepassados de boa parte desses trabalhadores. De fato, a Festa da Penha se caracteriza, no período, por práticas culturais de clara influência africana, como as rodas de samba, batucadas, danças e capoeiristas - práticas que passaram a integrar no corpo das festividades à N.S. da Penha, em sua festa anual. Para tentar entender o sentido cultural de tais práticas, serão de grande valia as análises empreendidas por Robert Slenes. [2] Slenes defende de que os africanos de diferentes povos conseguem se identificar através de traços culturais comuns a eles, como o tronco lingüístico e a religião, sendo essa identidade fortalecida através da experiência da travessia atlântica. Eles compartilhavam desde o início a aproximação lingüística, permitindo a comunicação, criando um vocabulário comum. Um compartilhamento simbólico que permitia uma comunicação para além das diferenças.

Buscando me aprofundar no universo dos significados, trata-se de buscar uma compreensão a respeito do sentido que tais festejos, danças e músicas assumiram para os próprios sujeitos que os praticavam, de modo a entender como tais elementos podem ter servido de base para a constituição de identidades sociais mais amplas. Buscando os elementos da cultura africana, e as diferentes costumes compartilhados pelos agentes sociais da época irei-me valer das crônicas das revistas ilustradas *Kosmos* e *Revista da Semana*, além das colunas sobre a festa da Penha dos seguintes jornais : *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã* e *Gazeta de Notícias*. Ao trabalhar com a imprensa como fonte principal, é preciso ter clareza a respeito da parcialidade do relato produzido pelos grandes jornais, que estavam longe da objetividade e independência que muitas vezes tentam atribuir à sua própria atividade.

## Conclusão

De acordo com as pesquisas realizadas até agora, podemos perceber que houve uma transformação na Festa da Penha durante a virada do século XIX para XX. Outros grupos sociais passaram a frequentá-la, trazendo um caráter popular para a festa. Mas as mudanças na festa tiveram um impacto mais profundo em sua identidade, que mudou de uma tradicional festa religiosa para ser vista como fruto de mistura cultural, envolvendo tradições tanto africanas como portuguesas.

## Referências

- 1- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras 1998.
- 2- SLENES, Robert. "Eu venho de longe, eu venho cavando": jongueiros cumba na senzala centro-africana." In: LARA, Silvia Hunold & PACHECO, Gustavo. **Memória do Jongo**. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2001.